

Das partituras e cifras para as páginas do jornal Correio da Manhã

Carla Lisboa Porto*

Resumo: Ismael Silva, um dos compositores mais representantes da música popular durante a década de 1930, tinha como temática, na maioria das vezes, a mulher, porém, raramente de forma romântica. As personagens aparecem em seus sambas como a causadora de problemas, ou como alguém que não é digno de confiança, infiel e “da orgia”. Mas, afinal, quem é essa mulher “da orgia”, quais seus hábitos, costumes e valores? Para encontrar algumas respostas, discutirei a possibilidade de análise, a partir de um ponto de vista histórico, de alguns elementos de representação das personagens femininas presente nas composições do autor e nas páginas policiais do Jornal Correio da manhã, ao longo do ano de 1930.

Palavras chave: Música popular, representação da mulher, samba.

Abstract: Ismael Silva, one of the most representative composers of the Brazilian popular music during the 1930 decade, had as his main theme in the most part of the time, the woman, but, rarely in the romantic way. The characters appear in his sambas as the responsible for problems, or someone who is not trustworthy, unfaithful, and “da orgia” (a bohemian way of life). But, who is that woman, and what are her habits, manners and values? To find out some answers, I intend to discuss about the possibility of analysis by the historical point of view of some elements of representation of the female characters in the composer’s songs and in the criminal pages in the newspaper *Correio da Manhã*, during 1930.

Key words: popular music; representation of woman; samba.

Mais do que um meio de expressão e de entretenimento, a música popular oferece aspectos de análise variados, que nos permitem conhecer práticas, valores, códigos e círculos de relações sociais e também locais de sociabilidade. A música também pode mostrar diferentes aspectos sociais, especialmente do cotidiano. Contudo, não se pode esquecer que o modo de vida e opiniões apresentadas nas canções, partem sempre das vivências do autor, ainda que sob influência de um grupo social. Não se trata de um reflexo da realidade e sim de como ela é pensada e percebida pelo autor.

Neste artigo, vou me ater à produção musical de Ismael Silva, um dos compositores mais representativos da década de 1930, e tinha como temática principal os relacionamentos com as mulheres. A personagem feminina que predomina em suas composições não segue as regras de conduta social determinadas pelas elites cariocas de então, tampouco se submete totalmente ao homem, a menos que lhe seja conveniente. Claudia Matos, (MATOS, 1982: 140), define esse tipo de mulher como “malandra”, por ter

* Mestranda do programa de pós-graduação de História Social, UNESP – Assis, bolsista CAPES. mrs.lisboa@gmail.com

características semelhantes das do malandro carioca, pois ambos vivem à margem dos valores da sociedade. Se o malandro recusava-se a “banciar o otário”, (viver de um trabalho assalariado, com poucos rendimentos e muitos compromissos), a mulher malandra recusava-se a cumprir o papel de mãe e esposa abnegada.

Apesar de ter afirmado em uma entrevista, (NAGLE, 1975), que nenhum dos episódios narrados em suas músicas tenha acontecido, foi observando fatos do cotidiano, nos ambientes onde freqüentava que ele obteve inspiração. As “mulheres da orgia” da vida real em algum momento perturbavam a ordem, fugiam aos padrões de comportamento considerados adequados pelas mais diversas razões. De um modo geral, nos sambas de Ismael Silva, a mulher não é digna de confiança. Ele a define como: fingida, ingrata, insensível, dentre outros adjetivos igualmente depreciativos. E o amor, se não é um mero negócio, é um jogo de curta duração. Afinal, como confiar numa mulher que, de acordo com o samba *Ando Cismado*, (ALVES, 1933), é traidora e mente “por natureza”?

Ando Cismado
Mulher, eu ando cismado
Que erreí com você
Se um dia não ficar mais ao seu lado
Não precisa perguntar porque
A mentira é fatal
Creio que não é por mal
Que a mulher faz descrer
Mas se é realidade
Sua grande falsidade
Eu hei de ver você sofrer
Eu cismado, espero agora
Ver você a qualquer hora
Dando a outro o coração
Quando chegar esse dia
Deixo a sua companhia
Sem explicar por que razão

A fim de reconstituir parte dessas práticas, busquei nas páginas policiais do jornal *Correio da Manhã* notícias que falavam sobre mulheres que viviam nas regiões mais pobres da região central e da periferia da cidade do Rio de Janeiro. É possível observar por meio dessa fonte os elementos de controle sobre o comportamento das mulheres nos sambas de Ismael Silva. Mas afinal, quem é ela?

A intenção de uma mulher freqüentar a rua e a boemia não era algo bem visto. Sobretudo, pela classe dominante, uma vez que essa prática estava totalmente fora das “normas” de conduta desse grupo social. Mesmo que as práticas e o cotidiano de mulheres mais pobres fossem diferentes daquelas da classe média e alta, todas eram regidas pela cobrança das mesmas regras e valores, ou seja: o recato, a submissão e a passividade. O

casamento era considerado o único modo de legitimar os relacionamentos e a maternidade deveria ser a principal finalidade da mulher.

Apesar de, nos segmentos populares, a união formal ter sido algo raro, por causa dos custos com uma cerimônia e os trâmites legais, (SOIHET, 2000: 367-368). As relações afetivas eram, muitas vezes, um meio de ajuda mútua de sobrevivência e não uma instituição, o que caracterizava uma dinâmica própria. Desta forma, os relacionamentos eram mais instáveis ou duravam menos tempo, o que era visto pela elite carioca como promiscuidade.

A rápida troca de parceiros e sua atitude quanto à sexualidade indicam uma reação à forte repressão do comportamento e da sexualidade feminina. Como não era possível interferir no comportamento daquelas que tinham seus próprios meios de sobrevivência (lícitos ou não), a única maneira de ter algum controle era questionar sua reputação. Definindo-a como alguém de “moral duvidosa”, era possível tentar limitar e controlar seu comportamento mais independente, (FONSECA, 2000:519).

Quando a mulher quer freqüentar a “orgia”, mais uma vez, a tentativa de controle aparece. O companheiro pretende disciplinar ou regenerar a mulher, tirando-a da rua, que é, em essência, um lugar perigoso, para levá-la ao seu lugar *natural*: o lar, lugar de abrigo e proteção dos perigos da rua. O lar, porém, não se mostra um ambiente tão seguro como se pode notar nas notícias de jornal aqui apresentadas adiante. É curioso perceber que o homem deseja domesticar a mulher por meio da mesma regeneração que ele tanto teme ou rejeita, como na canção *Para me livrar do mal*, (SILVA, 2000), gravada originalmente em 1931.

*Estou vivendo com você
Num martírio sem igual
Vou largar de mão
Com razão
Para me livrar do mal
Supliquei humildemente
Pra você se endireitar
Mas agora, francamente
Nosso amor vai se acabar
Vou embora
Você vai saber porque
É pra me livrar do mal
Que eu fujo de você*

No dia 2 de janeiro de 1930, o noivo de Engrácia Augusta de Azevedo, 24 anos, rompeu o noivado porque ela fora a um baile de ano novo no *Clube Ginástico Português* sem o consentimento dele. Engrácia também se matou, ingerindo “sal de azedas”, produto químico utilizado para limpar mármore, (CORREIO DA MANHÃ, 02 jan. 1930). Maria da Silva Borges, 26 anos, casada, apanhou do marido por ter saído de casa fantasiada para brincar o

carnaval nas ruas próximas de casa. Depois de tamanha humilhação, Maria se matou, ingerindo iodo, (CORREIO DA MANHÃ, 07 mar. 1930).

Assim como este, muitos outros casos de suicídio foram registrados, motivados pela falta de dinheiro e maus tratos. Mas, sobretudo, por terem sido censuradas ou recriminadas, seja por familiares, vizinhos, ou os próprios companheiros. Como se vê, nem todas conseguiam suportar tantas críticas, tampouco repreendidas em público. Pior do que morrer seria enfrentar as críticas a respeito de sua honra e integridade e perder o companheiro, em alguns casos seu provedor.

O grande número de agressões às mulheres pobres¹ mostra a dificuldade em aliar valores da elite a uma realidade totalmente diversa. Na impossibilidade de se impor por meio do dinheiro, os homens das classes populares tentavam se impor usando a força física. O trecho abaixo, da música *Amor de malandro*, (SILVA, 2000), de 1930, deixa claro que esse tipo de prática era vista como algo natural.

*Amor é do malandro
Oh, meu bem
Melhor do que ele ninguém
Se ele te bate é porque gosta de ti
Pois bater-se em quem não se gosta
Eu nunca vi*

O alcoolismo é outra causa muito presente nos casos de violência doméstica. Navalhas, canivetes, foices, barras de ferro, ou ainda outros objetos serviam como instrumento de agressão contra as companheiras. As razões eram as mais variadas, seja porque o jantar ainda não estivesse pronto, ou pelo simples fato de estar bêbado. Nas notas policiais de 28 de janeiro, Corina Rosa da Silva, 36 anos, casada com Antonio Cardoso era, como foi mencionado no jornal, frequentemente espancada por ele quando estava embriagado (CORREIO DA MANHÃ, 28 jan. 1930). Em outro caso, uma mulher, cujo nome não foi citado, cansada de ser espancada pelo marido, sempre alcoolizado, reagiu. Esperou o marido dormir para lhe dar uma surra com um pedaço de pau (CORREIO DA MANHÃ, 30 jan. 1930).

Para um relacionamento mais igual, as regras de conduta, fidelidade e respeito deveriam ser as mesmas para ambos. Ao perceber que seu companheiro não as prezava muito, Esmeralda Rodrigues dos Santos teve uma reação inusitada. Ela despejou água fervente sobre a cabeça de Nicolau Apolinário de Souza, (CORREIO DA MANHÃ, 07 jan. 1930), depois de

¹ Isso não significa que mulheres de classe social mais alta também não sofressem esse tipo de agressão e de controle, uma vez que o Código Civil vigente as colocava em situação de subordinação total ao homem.

tê-lo visto passeando de braços dados com duas moças. Nicolau, descrito pelo jornal como um conquistador inveterado e incorrigível, teve queimaduras de segundo grau. Esse caso ilustra como os parceiros tinham visões e comportamentos distintos sobre o relacionamento. Se Esmeralda reagiu ao comportamento de Nicolau é porque esperava que ele lhe fosse fiel.

Se a malandragem está na busca pela liberdade que os homens têm e também, de seduzi-los, há ainda a busca pelo conforto e elegância da mulher da classe média e alta. O consumo, uma espécie de febre dos tempos modernos, se não as permitiam ter aqueles objetos que simbolizam requinte, elegância e status, as fazem sonhar, desejar, ainda que secretamente, ao menos um dia poder experimentá-los. Como lidar com tantas contrariedades e frustrações?

A sociedade carioca cobrava delas a mesma postura e comportamento das mulheres da elite. Era preciso comportar-se como uma dama, mas sem jamais ter a chance de viver, vestir-se e enfeitar-se como uma. Mais que tudo, era preciso ganhar a vida, que apesar de dura, ainda dava espaço para observar o brilho das vitrines. Umas contentavam-se com o sonho, outras queriam materializá-los, procuravam alguém que lhe proporcionasse tais luxos. Essas mulheres desejam também acompanhar a moda, o padrão estético e material que somente aquelas das classes média e alta poderiam usufruir. Como lhe faltavam os mesmos meios e oportunidades, viam nos relacionamentos com alguém que tivesse melhores condições financeiras uma possibilidade de viver como “madame”. Em *Agradeças a mim*, (CALDAS, 1934), Ismael trata especificamente dessa personagem, falando, inclusive da sua origem pobre.

*Se saíste do morro
Se tens felicidade
Agradeças a mim
Porque se não fosse assim
Tu não estavas na cidade
Nem sonhavas em ser o que és
Já conheces até cabarés
Não tens recordação
Daquele teu barracão
(agradeças a mim)(...)*

Há também registros que confirmam o que foi abordado anteriormente sobre os relacionamentos como uma possibilidade de obter melhores condições de vida. Contudo, alguns deles, tiveram fim trágico, (CORREIO DA MANHÃ, 17 jan. 1930). Aurélia de Souza Carvalho, 21 anos, filha mais velha de uma viúva com quatro filhos pequenos, trabalhava como vendedora, para ajudar no orçamento da família. Pouco tempo depois de começar a

trabalhar, conheceu Dr. Antônio de Carvalho Duarte, 49 anos, médico e fiscal de bancos, que seduziu a moça com promessa de um bom casamento e de uma vida mais confortável.

Depois de muita insistência e promessas de riqueza e luxo, Aurélia, foi morar com ele, pensando também em melhorar a condição de sua mãe e seus irmãos. Por causa de ciúme excessivo, ele a matou com cinco tiros e, em seguida, se matou. Ao investigar o local dos crimes, a polícia descobriu que o Dr. Antônio Carvalho Duarte, além de já ser casado (embora não vivesse com a família há 10 anos), não era tão rico quanto se fazia acreditar. Entre os seus pertences foram encontradas muitas notas de penhores.

Ruben George Oliven, em seu artigo *O dinheiro na música popular brasileira*, (OLIVEN, 1997: 68-112) afirma que, na grande maioria das canções dos anos 20 e 30 do século passado, a mulher e o dinheiro estão relacionados, seja abordando a personagem perdulária, que procura alguém para sustentá-la, ou aquela que não suporta mais sustentar o companheiro.

A imagem da mulher associada ao dinheiro equivale a alguém insensível, degradado e impuro que perdeu sua dignidade e valor. Nas décadas de 30 e 40 são um período de grandes transformações sociais no Brasil. Há um crescimento da urbanização, aumenta a atividade fabril e o assalariamento, e o governo frisa cada vez mais o trabalho como uma obrigação social. Isto vai se refletir na música através de composições que vão falar da escassez do dinheiro, da necessidade de trabalhar para consegui-lo, da apologia da malandragem enquanto rejeição do trabalho, da mulher levando o homem a ter que pegar no batente (OLIVEN, 1997: 93).

Se a mulher é vista como alguém materialista, que só se envolve com um homem em busca de conforto material, nos sambas de Ismael Silva a *nota*, (o dinheiro) também é uma preocupação por parte dos homens. O fato de buscar melhores condições de vida, por meio de um relacionamento, é depreciativo para a mulher, mas é considerado golpe de esperteza para o homem, (SILVA, apud CARVALHO, 1980; 95). Ou seja, o comportamento esperado de um homem é vetado à mulher.

*Carinhos eu tenho
Carinho eu tenho até demais
E a nota é como eu te digo
O meu desejo é uma ordem
Meu bem
Quando Deus quer
Não há castigo
Carinhos sem a nota
Não adianta nada
Isso de amor é lorota
É bom para quem quiser
Eu não aceito
Sou espertinho*

*Eu acho direito
Amor, nota e carinho(...)*

Para Ismael Silva, sua malandragem está na ausência de vínculos amorosos mais profundos. Ao renegar os relacionamentos estáveis ele critica, ainda que indiretamente, o modo de vida da classe média e alta, que normatiza o comportamento dos indivíduos por meio do trabalho assalariado e do casamento. O sofrimento pelo fim do amor não é algo a ser levado a sério. Afinal, segundo o sambista, se a mulher é por natureza ingrata, o final de um relacionamento é algo previsível e banal. De acordo com o discurso do sambista, obter conforto material é, ao que parece, mais importante do que amar e ser amado. E se já não era possível obter e manter esse conforto, é melhor buscar um novo relacionamento.

Essa atitude era vista com naturalidade pelos homens. Entretanto, se quem procurava “um novo amor” era uma mulher, a mesma atitude era entendida como ingratidão. Por causa do “mau gênio” de Felisberto Motta, sua antiga amásia, Vitória Maria da Conceição o deixou. Ao ser rejeitado por Vitória numa tentativa frustrada de fazerem as pazes, navalhou-a no pescoço, no rosto e nos braços e quase lhe arrancou uma orelha, (CORREIO DA MANHÃ, 04 jan. 1930).

A visão da mulher malandra elaborada por Claudia Matos se aproxima muito das personagens dos sambas de Ismael Silva. É interessante observar que características diferentes podem definir a mesma mulher da orgia: pode ser aquela movida pelo interesse de ser sustentada financeiramente, ou aquela que deseja circular livremente pelos ambientes públicos sem ser recriminada moralmente por isso.

A cidade se modernizava, a sociedade civil também passava por mudanças no que se refere às mulheres. Em 1932, elas passaram a ter direito ao voto e, ainda naquele ano, participaram da elaboração do anteprojeto da Constituição, (HAHNER, 2003). Entretanto, pouca coisa mudaria para as mais pobres. Apesar de a nova constituição garantir direitos civis às mulheres, os valores sobre os indivíduos, a família e o lugar “natural” de cada um, não mudavam com a mesma velocidade. Mesmo que o marido, (ou companheiro) estivesse desempregado, ou vivendo de atividades esporádicas, esperava-se dele o sustento da casa e que a mulher se mantivesse a rainha do lar. Mas, como poderia uma mulher *reinar* numa casa de cômodos e com a extrema carência de dinheiro? Essas mudanças sociais não foram sequer mencionadas nas composições de Ismael Silva. O silêncio sobre essas mudanças na sociedade demonstra que, além da falta de interesse desse tema pelo autor, dificilmente elas chegariam para ajudar efetivamente a vida das mais pobres.

Referências Bibliográficas

- FONSECA, Claudia. *Ser mulher, mãe e pobre*. In: DEL PRIORE, Mary (org); BASSANEZI, Carla (coord. de textos). *História das Mulheres no Brasil*. 3ª. edição. São Paulo: Contexto, 2000.
- HAHNER, June Edith. *Emancipação do sexo feminino: a luta pelos direitos da mulher no Brasil (1850 – 1940)*. Florianópolis: Editora Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2003.
- MATOS, Claudia. *Acertei no milhar: samba e malandragem no tempo de Getúlio*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.
- OLIVEN, Ruben George. *O dinheiro na música popular brasileira*. Latin American Music Review. V. 18, nº 1 (Spring/Summer, 1997), pp. 68-112.

Fontes

- NAGLE, Leda. *Ismael Silva: muita gente me curte, me beija e me abraça. Não sou Ave Maria, mas sou cheio de graça*. O Globo, 14 de nov. 1975.
- CORREIO DA MANHÃ. *Suicidou-se com sal de azedas*. 02 de jan. de 1930.
- _____. *Um apaixonado violento*. 04 de jan. 1930.
- _____. *Enciumada, atirou água fervente à cabeça do amante*. 07 de jan. 1930.
- _____. *Uma tragédia passional na Rua do Riachuelo: um médico e fiscal mata a jovem que seduzira e, em seguida, suicida-se*. 17 de jan. 1930.
- _____. *Acordou debaixo de pancada*. 30 de jan. 1930.
- _____. *Conseqüências do carnaval – surrou a esposa porque esta se fantasiou*, 07 de mar. 1930,

Discografia

- SILVA, Ismael; BUARQUE, Cristina (interp.). SILVA, Ismael; ALVES, Francisco. *Para me livrar do mal*. In: BOTEZELLI, J.C.; PEREIRA, Arley. *A música Brasileira deste século por seus autores e intérpretes*. São Paulo: SESC Serviço Social do Comércio, 2000. Um CD. Acompanha livro.
- _____. *Amor de malandro*. In: BOTEZELLI, J.C.; PEREIRA, Arley. *A música Brasileira deste século por seus autores e intérpretes*. São Paulo: SESC Serviço Social do Comércio, 2000. Um CD. Acompanha livro.

SILVA, Ismael. *Ironia*. In: CARVALHO, Fernando Medeiros de. *Ismael Silva: samba e resistência*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1980, p. 92 - 93. Intérprete: Bambas do Estácio; autoria: Nilton Bastos/Ismael Silva/Francisco Alves; Gravadora Odeon 10.767 – B, 1931.

ALVES, FRANCISCO (interp.). SILVA, Ismael; Rosa, Noel. *Ando cismado*. Rio de Janeiro: Gravadora Odeon, 10939- A, 1933. Um disco vinil, 78 rpm. Museu da Imagem e do SOM – MIS/RJ.

SILVA, Ismael. *Carinhos eu tenho*. In: CARVALHO, Fernando Medeiros de. *Ismael Silva: samba e resistência*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1980, p. 95. (intérprete: Francisco Alves, Gravadora Odeon, 10441 – A. 1929. Rio de Janeiro).

SILVA, Ismael. *Agradeças a mim*. In: CARVALHO, Fernando Medeiros de. *Ismael Silva: samba e resistência*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1980, p. 98. (intérprete: Francisco Alves, Gravadora Odeon, 10441 – B. 1929. Rio de Janeiro).